

MOBILIDADE PENDULAR E TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS NA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

COMMUTING AND ECONOMIC TRANSFORMATIONS IN METROPOLITAN REGION OF RIO DE JANEIRO

Clarice Antoun Martinho

 <https://orcid.org/0000-0001-8756-9088>

Correspondência: clariceantoun@gmail.com

Economista, Doutora em Planejamento Urbano e Regional IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil.

DOI: 10.12957/cdf.2025.89392

Recebido em: 29 jan. 2025 | **Aceito em:** 29 jan. 2025

RESUMO

O objetivo deste artigo é demonstrar como se manifestou a mobilidade pendular na Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ) nos dois momentos históricos, retratados nos Censos Demográficos de 1980 e de 2010, do ponto de vista das transformações econômicas nesse território. Se por um lado, o processo de periferização mostra-se como elemento da metropolização, por outro, para compreender a evolução da dinâmica metropolitana em termos da distribuição e movimentação de pessoas e atividades, é preciso analisar a sua estrutura econômica. Através de dados sobre ocupações no mercado de trabalho exercidas por trabalhadores que fazem mobilidade pendular é possível contribuir para a análise sobre as transformações econômicas na região metropolitana. Observa-se que enquanto as atividades industriais se retraem neste território, as atividades de serviços se expandem. Os dados e análises foram produzidos na pesquisa de tese de doutorado da autora Martinho (2023) realizada no IPPUR/UFRJ.

Palavras-chave: mobilidade pendular; região metropolitana; estrutura produtiva.

ABSTRACT

The objective of this text is to demonstrate how commuting manifested itself in the Metropolitan Region of Rio de Janeiro (RMRJ) in two historical moments, portrayed in the 1980 and 2010 Censuses Demographic Censuses, from the point of view of economic transformations in this territory. If, on the one hand, the process of peripheralization appears to be an element of metropolization, on the other, to understand metropolitan dynamics in terms of its distribution and movement, it is necessary to investigate its economic structure. By data on occupations in the labor market carried out by workers who commute, it is possible to contribute to the analysis of economic transformations in the metropolitan region. It's observed that, while industrial activities retract in this territory, service activities expand. The analyses were extracted from the doctoral dissertation Martinho (2023) carried out at IPPUR/UFRJ.

Keywords: commuting; metropolitan region; productive structure.



1 INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas constata-se o aumento do total de pessoas que exercem seu trabalho em municípios distintos dos seus municípios de residência, o que implica em deslocamentos regulares. Trata-se da mobilidade pendular, um fenômeno socioespacial, que, no processo histórico brasileiro se associa à metropolização. Os centros urbanos se expandem por municípios periféricos, que se constituíram como opção de moradia, devido ao encarecimento do preço do solo nas áreas centrais, de modo que se tornou necessário cada vez um maior deslocamento para alcançar o mercado de trabalho. O preço mais barato da moradia, assegurou o baixo custo da mão de obra, reduzindo o custo de vida, porém de forma precária, e nos termos do Kowarick (1979) por meio da espoliação urbana, assim mantendo baixos salários. Ao passo que, o próprio espaço urbano torna-se objeto de valorização do capital.

A RMRJ contém cerca de 12 milhões de habitantes, frente aos quase 16 milhões de todo o Estado, o que demonstra o seu peso demográfico, sendo que 6 milhões vivem na capital, com alto grau de centralidade. Os municípios da RM são interligados do ponto de vista do funcionamento das atividades e da movimentação dos seus habitantes.

Na segunda metade do século XX o Brasil se industrializou e sofreu um intenso processo de metropolização. No decorrer das últimas décadas a indústria perdeu peso na atividade econômica e o setor terciário se expandiu, por diversos tipos de serviços. Assim, busca-se demonstrar de que maneira tais mudanças econômicas se relacionam com a mobilidade pendular para trabalho na RM, como se manifestou a queda da participação do setor industrial nas ocupações, e a consolidação dos diferentes segmentos dos serviços como atividades econômicas dos trabalhadores pendulares.

2 MOBILIDADE PENDULAR NA RMRJ

Trata-se de uma região polarizada pela então ex-capital nacional: o Rio de Janeiro. Esse fato faz com que a cidade traga consigo marcas na sua trajetória histórica, com implicações sobre sua estrutura econômica. O município do Rio de Janeiro, desde então, exerce centralidade em termos de atração de atividades econômicas, prestações de serviços, sedes de governo e empresas.

Não obstante, seguem-se transformações de natureza econômica, política e social – em diversas escalas – que geram repercussões sobre esse território. Demarcam-se os seguintes elementos: a perda de importância industrial, especialmente na segunda metade do século XX; a substituição por maior terciarização econômica; a presença do setor público, devido a sua condição histórica nacional; a crise econômica e a reestruturação produtiva; a crescente informalidade na economia urbana; a reconfiguração do sistema econômico mundial, que atribui papel econômico à metrópole de centro de serviços avançados; o circuito de acumulação urbana com efeitos de segregação socioespacial (SILVA, M., 2005, SILVA, R., 2012, e SIQUEIRA, 2015).

Buscou-se avaliar a dimensão do movimento pendular na dinâmica metropolitana, no sentido de contribuir para o entendimento de que forma tal organização espacial vem respondendo às mudanças econômicas. Atuou-se no sentido de dimensionar os movimentos pendulares intermunicipais com retratos do Censo 1980 e do Censo 2010, investigando a participação dos municípios na região metropolitana, constatando sua origem e destino, assim como na sua estrutura econômica, através das ocupações por setor de atividade econômica exercidas pelos trabalhadores pendulares.

2.1 Mobilidade pendular e periferização

O município sede exerce importante papel no crescimento demográfico metropolitano ao longo dos anos, concentrando 6,3 milhões de habitantes em 2010. Em 1980, o município do Rio de Janeiro correspondia a 58% e os demais municípios somados da Baixada e do Leste a 42%. Em 2010, o Rio reduziu a sua parcela na população metropolitana, para 53%, cabendo 47% ao restante dos municípios. Isto traduz para o período selecionado, a variação da população da periferia (50%) superior a variação da população da capital (24%), refletindo tanto a maior busca por parte de população migrante pelos municípios da Baixada e do Leste para moradia, quanto a própria natalidade da população já residente em 1980, que se multiplicou nos anos seguintes.

Em termos de processos econômicos e socioespaciais, a periferia metropolitana no Rio de Janeiro foi sobremaneira influenciada pela autosegregação dos segmentos sociais dos estratos de renda mais elevados da estrutura social na Capital, assim como pelas políticas de segregação do Estado orientadas por estes segmentos para produzir ganhos de valorização nos espaços das cidades (Martinho, 2023, p.133).

A distribuição dos distintos grupos e classes sociais resulta das condições de acesso à moradia e ao solo dotado de equipamentos e serviços urbanos, orientados pelo mercado imobiliário e por políticas de Estado (Abreu, 1997). A produção de moradia para as classes média e alta seguiu o circuito de acumulação urbana, em que o uso do solo e a produção do espaço urbano são parte dos mecanismos de valorização do capital sob contornos do desenvolvimentismo brasileiro, que concentrou renda.

Enquanto para os segmentos no topo da estrutura social reservou-se a produção empresarial da moradia, políticas do sistema financeiro de habitação e provisão de infraestrutura e serviços públicos urbanos, aos segmentos da base social destinaram-se os conjuntos habitacionais, mas na sua maioria, a autoprodução de empreiteiros individuais, microempresas informais e autoconstrução. Havia opções de compra de lotes na periferia a custos mensais baixos, ou de ocupação da terra com custos próximos de zero, em áreas não incorporadas ao mercado imobiliário empresarial, como as favelas. A autoprodução de moradias foi a forma que garantiu a reprodução da classe trabalhadora a baixos custos (Lago, 2000).

O Rio de Janeiro é um dos casos emblemáticos do padrão de urbanização centro-periferia, em que o município capital se configura como a grande centralidade metropolitana e onde se localiza, em geral, a maior parte das atividades econômicas, concentrando emprego, renda, infraestrutura e serviços urbanos, e lugar de residência das classes sociais com maior poder aquisitivo. A periferia não oferece o mesmo padrão de urbanização em termos de infraestrutura e serviços, e também tem uma estrutura econômica menos desenvolvida, não conseguindo empregar parte da população que ali reside. Daí decorre a necessidade de deslocamentos pendulares para que a população que vive nos municípios, áreas e regiões fora das áreas mais centrais da metrópole possa acessar esse território e usufruir dos seus empregos e serviços.

Nas últimas décadas foram constatadas tendências de diversificação. Para o núcleo das metrópoles observa-se o aumento das moradias em aglomerados subnormais (favelas), especialmente nos bairros habitados pelas camadas de renda superior. Nas periferias populares, observou-se o surgimento de territórios de enclave que concentram também camadas superiores da estrutura social. Os condomínios fechados, juntamente com os shopping centers, derivam do capital investido no circuito urbano de acumulação, gerando impactos para o emprego nos municípios e a dinâmica metropolitana. Essa diversificação do padrão vem ocorrendo em função dos efeitos combinados da

segmentação dos mercados de trabalho, de moradias e da mobilidade urbana, sobretudo a oferta dos transportes públicos (OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES, 2009).

Estudos de Érica Silva (2012) indicaram uma associação do fenômeno da pendularidade com a migração intrametropolitana, que é quando há de fato mudança de residência de um município da RM para outro e a pessoa migrante permanece exercendo sua ocupação no município onde residia anteriormente. Constatou-se, pelo cruzamento estatístico entre o município de origem da migração e o município de destino no movimento pendular, que 43,5% destes movimentos eram para o município de origem da migração. Quando considerados os migrantes do núcleo para a periferia, estimou-se que 64,4% fazem pendularidade para o núcleo. Essa constatação sinaliza que a atração residencial na periferia provavelmente está relacionada ao acesso à moradia, ao mercado imobiliário, ao papel do Estado com políticas habitacionais e às condições socioeconômicas dos migrantes, pois mesmo com a migração manteve-se o vínculo de trabalho desses trabalhadores com o núcleo metropolitano, demonstrando que não foi por motivo de trabalho que a população tenha passado a residir em outro município (Silva, E., 2012, p. 169).

Pelo recorte adotado nesta pesquisa¹, houve aumento absoluto de 45,4% dos deslocamentos pendulares na região metropolitana do Rio de Janeiro, de modo que esses deslocamentos se tornaram mais volumosos na região como um todo. Os municípios que aparecem como os maiores emissores de fluxo pendular – Nova Iguaçu, São Gonçalo, Duque de Caxias e São João de Meriti – também são os que apresentam os maiores contingentes de população fora da capital. Esta é uma indicação de que o aumento demográfico impactou no crescimento dos fluxos pendulares. A própria condição em que o processo de periferização se estabeleceu que criou o volume pendular oriundo desses.

A mobilidade no Brasil se configura no seio da metropolização ocorrida com o processo de desenvolvimento econômico, que promoveu concentração da renda e baixo poder aquisitivo dos trabalhadores, materializando-se nas cidades como um padrão de urbanização periférico. A formação das regiões metropolitanas foi calcada no modelo de desenvolvimento brasileiro assentado na exploração não somente do trabalho na esfera da produção, mas de todo o padrão de vida da classe trabalhadora, na esfera da reprodução, através das suas condições de vida, que Kowarick (1979) denominou de espoliação urbana. A oferta de habitação, saneamento e transportes nos espaços

¹ Ver capítulo sobre metodologia em **3 Material e Métodos**.

periféricos mostra-se precária ou mesmo ausente. Dessa forma, a mobilidade pendular revela-se como um dos elementos viabilizadores do emprego da força de trabalho em troca de baixas remunerações (Martinho, 2023, p.225).

2.2 Transformações econômicas

A perda da capital e da centralidade da indústria, que ocorreu ao longo do século XX no Rio de Janeiro, não obteve imediata substituição pela estruturação de novos setores que assumissem a alavancagem dessa economia e de oportunidades internas. Vale ressaltar o papel que o circuito de acumulação urbana historicamente exerce na região, especialmente na capital. Em termos setoriais, a indústria não logrou centralidade na estruturação do espaço urbano e regional, metropolitano e fluminense, no sentido de gerar efeitos de encadeamento intersetoriais (para trás e para frente). Os elementos explicativos estariam relacionados à hegemonia política do “circuito secundário de acumulação urbana”, com o predomínio de grupos sociais com interesses na apropriação de rendas, formados por construtores de obras públicas e concessionários de serviços urbanos, incorporadores imobiliários e proprietários de terra (Siqueira, 2015, p. 84).

As formulações de Sobral (2016; 2017) trazem contribuições primordiais no sentido de traçar o estado das artes atual da estrutura produtiva metropolitana no contexto econômico do Estado do Rio de Janeiro. Enfatiza-se o processo de desindustrialização na economia fluminense, que, atrelado à conjuntura nacional, registrou no período recente para o indicador do valor adicionado bruto (VAB), um crescimento abaixo da média nacional, tendo apresentado o pior desempenho entre as Unidades da Federação. Sendo que, justamente no período de recuperação do mercado interno brasileiro, na segunda metade dos anos 2000, verificou-se o menor valor da participação relativa da economia fluminense no VAB nacional, na série histórica 1995-2010 (Sobral, 2016, p. 10-12).

Há uma retomada econômica recente para a economia fluminense, que na realidade se circunscreve à expansão significativa do setor de extrativa mineral, referente à exploração de petróleo e gás na Bacia de Campos; a grandes empreendimentos de segmentos industriais intensivos em capital; ao avanço da construção civil decorrente dos projetos imobiliários e das obras de infraestrutura do Programa de Aceleração do Crescimento e dos grandes eventos (Copa do Mundo 2014 e Olimpíadas 2016). No setor

industrial, há contraste evidente entre o elevado dinamismo do setor extrativa mineral e o quadro de estagnação da indústria de transformação.

Para a indústria de transformação, constata-se o processo de desadensamento de cadeias produtivas, configurando o que este autor nomeou de uma “estrutura produtiva oca”, levando ao agravamento das condições que impedem a indústria de transformação de se constituir no motor-chave do crescimento econômico e do progresso técnico. Isso ocorre por perda de diversificação e complexidade produtiva (SOBRAL, 2017, p. 404).

A base industrial fluminense vem perdendo sua histórica diversificação e passou a exibir uma tendência de especialização estrutural, já que apenas três setores representam metade da estrutura da indústria de transformação: derivados de petróleo e álcool, metalurgia básica (que inclui siderurgia), e outros produtos químicos (que inclui petroquímicos básicos). O peso da produção de commodities se tornou superior, tanto pelo aumento das exportações, na reprimarização da pauta de exportações (predomínio dos bens primários), quanto pela notável importação, estimulada pelo câmbio e pelo mercado interno. Com isso, aponta-se para a crescente especialização da estrutura produtiva e reprimarização da pauta exportadora.

Há que se considerar os impactos sobre o mercado de trabalho, dada a concentração em atividades menos intensivas em mão de obra. Constatou-se, para o emprego formal, entre 1985 e 2014, a perda de expressão da indústria de transformação. Este setor apresentou no Estado do Rio de Janeiro a maior perda de participação, de 19,5% para 10,2%, a exemplo da evolução da escala nacional². O autor mostra as piores posições dos municípios da periferia da RMRJ, evidenciando as menores oportunidades de emprego e renda para a população local. Niterói e Duque de Caxias aparecem como exceções, afirmando suas centralidades econômicas regionais.

A contrapartida da desindustrialização foi o aumento da participação do setor terciário. Ribeiro (1999) afirmou que a terciarização econômica do Rio de Janeiro decorreu da desindustrialização e da reestruturação produtiva que eliminou ocupações no secundário, especialmente na indústria moderna. Sua natureza ocupacional caracteriza-se pela informalidade das relações de trabalho, muitas vezes atuando na própria economia informal, seja nos trabalhos de autônomos “por conta própria”, seja em estabelecimentos que não atendem as exigências de formalidade, total ou parcialmente. As empresas adotaram tipos de flexibilidade para reduzir custos e riscos. Formou-se a rede de

² Ibid, p. 417.

prestadores de serviços operando por conta própria e de microempresas integrantes, que fornecem às empresas industriais, comerciais e de serviços trabalho na forma de subempreitada e subcontratação. De outro lado, a terciarização do Rio de Janeiro teria também como origem a expansão da economia urbana da sobrevivência, caracterizada pela predominância de um vasto contingente de prestadores de serviços pessoais, ambulantes, biscateiros etc., com baixa qualificação e remuneração³.

Por isso, enfatiza-se a característica de segmentação econômica para a metrópole fluminense. Dividem-se entre aqueles inseridos na nova divisão do trabalho, gerada pela reestruturação produtiva da globalização, outros relacionados ao circuito da economia urbana de sobrevivência. As transformações econômicas ocorreram nos ramos da indústria, na terceira revolução industrial da década de 1970 e na quarta revolução em curso, abarcando cada vez mais, também, os setores de serviços, o que inclui as etapas de comercialização e logística. Nem todos os novos setores econômicos inserem-se na economia formal. Pelas análises de Sobral sobre o estado do Rio de Janeiro, a dinâmica econômica engendrada pelos setores relacionados às obras para grandes eventos e resultados da especulação imobiliária, puxou a reboque outros segmentos da economia urbana. Porém, seu crescimento econômico de longo prazo é questionável.

Nas palavras do autor, caracteriza-se por “urbanização improdutiva”, uma vez que são dinâmicas econômicas relacionadas a processos de valorização, segundo a lógica fragmentária e particularista dos interesses locais dispersos⁴. Trata-se das empresas de obras públicas, dos grandes grupos incorporadores imobiliários, que atuam na esfera mercantil-urbana. Essa nova fronteira de acumulação apresenta limitado dinamismo, oferecido a poucos setores e recortes territoriais, com efeito anticíclico temporário.

Mantém-se a segregação residencial que inclui tanto a configuração “favela-bairro”, ou seja, a proximidade territorial com distância social, quanto a configuração “núcleo-periferia” que alia distância territorial e distância social. Destaca-se a acentuação de autoss segregação residencial das classes detentoras do poder econômico e político nas áreas dominantes da metrópole, aquelas mais valorizadas (Ribeiro; Ribeiro, 2015).

As condições para o deslocamento cotidiano dos trabalhadores não foram asseguradas ao longo do tempo e não acompanharam a complexidade da dinâmica

³ Ibid, p.17-18.

⁴ Op.cit, p.418.

metropolitana. Assim, a pendularidade precisa ser interpretada à luz da contradição acumulação e espoliação urbanas (Martinho, 2023).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

No Brasil, os principais dados, referentes a mobilidade pendular para todos os municípios do território nacional, encontram-se realizados na pesquisa do Censo demográfico do IBGE, onde se considera, como unidade espacial, o município como local de residência e de trabalho. No Censo é possível selecionar dados de ocupação no mercado de trabalho, segundo setores de atividade econômica. Considerando que a mobilidade pendular evoluiu positivamente, para que municípios da RMRJ os fluxos pendulares estariam se direcionando (para a capital ou para outras regiões)? Para trabalhar em quais atividades econômicas?

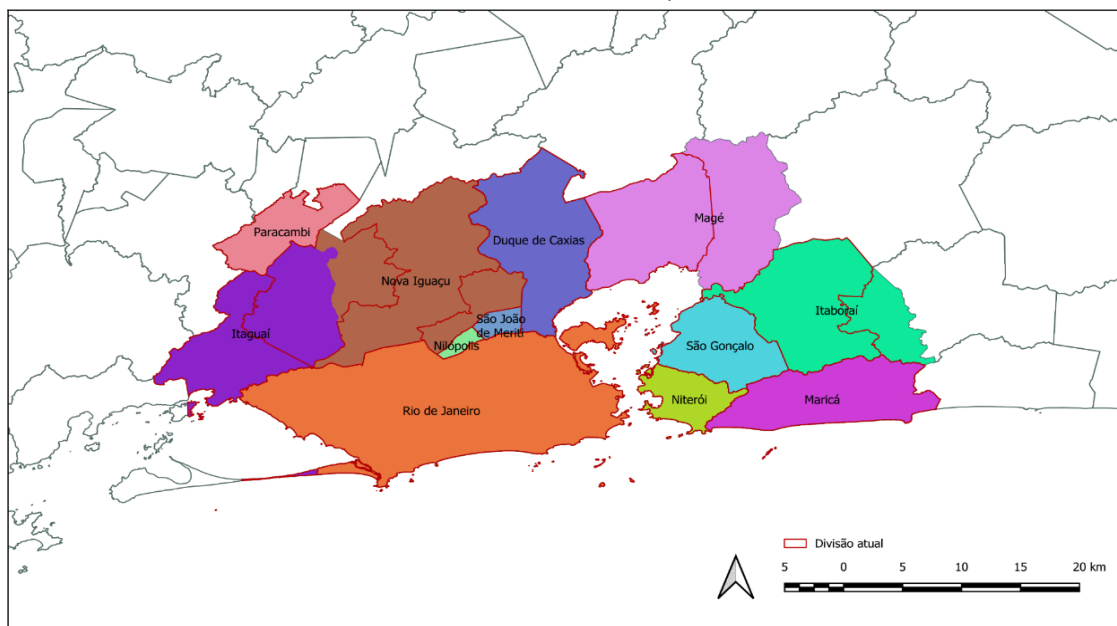
3.1 Recorte temporal e territorial

Busca-se compreender como a mobilidade dos trabalhadores se configurou nos diferentes momentos históricos. Considerando que o censo de 1980 pode captar o auge do processo de industrialização no Brasil, referente à década de 1970, na última etapa do modelo de industrialização por substituição de importações. E, ainda, que o último dado disponível durante o período de pesquisa e levantamento, correspondia ao Censo de 2010, devido aos atrasos do censo de 2020.

Os deslocamentos pendulares são conformados por municípios de origem - aquele de residência da pessoa- e por municípios de destino - aquele de exercício da ocupação. Para a análise em questão foi considerada a Região Metropolitana do ano de 2010. Portanto, trata-se dos municípios: Rio de Janeiro, Niterói, São Gonçalo, Itaboraí, Maricá, São João de Meriti, Duque de Caixas, Nova Iguaçu, Nilópolis, Mesquita, Magé, Belford Roxo, Japeri, Paracambi, Queimados, Itaguaí, Seropédica, Guapimirim e Tanguá. Ao longo das décadas de 1980, 1990 e 2000, distritos de alguns desses foram emancipados e os novos municípios resultantes desses desmembramentos continuaram fazendo parte da RMRJ. De Nova Iguaçu foram emancipados: Belford Roxo, Queimados (emancipados em 1990), Japeri (1991), Mesquita (1999), De Magé, Guapimirim (1990), de Itaguaí,

Seropédica (1995) e de Itaboraí, Tanguá (1995). Para análises comparativas entre 1980 e 2010 foi necessário reagrupar os municípios correspondentes emancipados, nos seus territórios antigos, de 1980. Segue abaixo o mapa 1, que retrata os municípios da RMRJ, conforme o Censo de 2010, adotando a divisão territorial de 1980.

Mapa 1 - Municípios da região metropolitana do Rio de Janeiro Censo de 2010 (divisão territorial de 1980)



Fonte: Elaboração própria

3.2 Limitações da Amostra e compatibilizações entre os censos

Os dados foram coletados no censo demográfico, através do questionário da Amostra. Para o ano de 2010 foi principalmente referente às variáveis V0660, referente à “em que município e UF ou país estrangeiro trabalha?”, dentro do conjunto de informações sobre deslocamentos. As informações sobre Ocupação e Atividade foram as únicas que não continham um banco descritor no computador de mão do Recenseador, resultando assim no maior volume de textos a serem trabalhados nas etapas de codificação e verificação. Com isso, do total de 9.149.592 registros coletados no Censo foi de para o tema Ocupação e 9.149.379 para o tema Atividade, foi selecionada uma amostra de 75.890 para cada um dos temas, que obtiveram 23,78% e 24,46% de divergência. Apontou-se que os códigos divergentes resultaram de equívocos, tanto na etapa aplicação de códigos quanto na verificação, como por exemplo, a aplicação de códigos genéricos (CENSO DEMOGRÁFICO, 2010).

Duas compatibilizações foram necessárias. Enquanto no censo de 1980 a variável V527 responde à, “município em que trabalha ou estuda”, em 2010, o questionário da amostra contém uma seção de deslocamento para o trabalho com “em que município e Unidade da Federação trabalha”, na variável V0660. A solução para esta compatibilização foi filtrar para pessoas ocupadas no mercado de trabalho, no censo de 1980.

Para a compatibilização territorial, reagrupou-se em 2010 os dados dos municípios emancipados, conforme a divisão de 1980. Nesta operação, os fluxos entre os municípios do mesmo município de origem são subtraídos do volume de fluxos de pendulares, já que a pendularidade ocorria dentro de um mesmo município. Ou seja, a emancipação contribuiu para o aumento na contabilização dos fluxos de 2010. No entanto, foi necessário para possibilitar a comparação.

3.3 Categorias Ocupacionais

A dinâmica socioeconômica se reflete nas ocupações geradas, o que foi verificado a partir dos dados sobre ocupação no mercado de trabalho, segundo setores de atividade coletados no censo demográfico. Os setores de atividade econômica, partindo-se da Classificação Nacional das Atividades Econômicas – CNAE –, utilizada no Censo Demográfico de 2010, foram agrupados conforme o Quadro 1.

Quadro 1 - Setores de Atividades dos agrupamentos de ocupações

Setor Secundário	Setor Terciário
Indústria Extrativa (mineração, petróleo)	Serviços Distributivos: comércio, logística, armazenamento, transportes, reparação de veículos.
Indústria de Transformação	Serviços Sociais: educação, saúde, administração pública, defesa, seguridade, assistente social, org. internacionais
Construção Civil	Serviços Pessoais: alojamento, alimentação, artes, cultura, esportes, recreação, serviços domésticos
SIUP (eletricidade, água, esgoto, gás, resíduos sólidos)	Serviços Produtivos: atividades imobiliárias, financeiras, técnico científicas, seguros, informação, comunicação, administrativas, advocacia
Setor Primário	Outros
Agropecuária, produção florestal, pesca, aquicultura	Atividades mal definidas

Fonte: Elaboração própria, pesquisa sob orientação do Prof. Marcelo Gomes Ribeiro (IPPUR/UFRJ).

Obs: Tais categoriais, atualmente encontram-se em reformulação no Observatório das Metrôpoles.

Através do levantamento empírico sistematizado, buscou-se avaliar a dimensão do movimento pendular na dinâmica metropolitana, no sentido de contribuir para o entendimento de que forma tal organização espacial vem respondendo às mudanças econômicas. Atuou-se no sentido de: (i) dimensionar os movimentos pendulares intermunicipais com retratos do Censo 1980 e do Censo 2010; (ii) identificar sua participação no total de ocupados municipais; (iii) analisar o papel do município central do ponto de vista da concentração no destino dos fluxos; (iv) a distribuição dos fluxos municipais constatando sua origem e destino e setores econômicos.

Se por um lado, o processo de periferização mostra-se como elemento estruturante da metropolização, por outro, para compreender em que medida se estabelece a dinâmica metropolitana em termos da sua divisão espacial do trabalho, é preciso investigar a sua estrutura econômica. Tais informações pretendem contribuir para uma leitura sobre as particularidades da região metropolitana do Rio de Janeiro frente ao processo nacional de mudança do padrão urbano industrial para a terciarização econômica metropolitana.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Houve aumento de 45,4% do volume de pessoas que realizam mobilidade pendular no conjunto dos municípios selecionados da RMRJ em 2010, com relação ao ano de 1980. Apesar do aumento absoluto, diminuiu a participação da mobilidade pendular no total de ocupados municipais.

Para a capital, ocorreu o inverso do total da RM. A participação da mobilidade pendular nas pessoas ocupadas aumentou de 1,0% para 2,5%. Para o conjunto dos municípios da periferia – Baixada e Leste metropolitanos –, o percentual de mobilidade pendular reduziu de 50,2% para 38,6%, conforme a tabela 1.

Tabela 1 - Total de ocupados que trabalham em outro município da RMRJ – 1980 e 2010

Município residência	Total de Ocupados (1)		Ocup. Outro município (2)		%Outro / Total (1) / (2)	
	1980	2010	1980	2010	1980	2010
RMRJ						
TOTAL RMRJ	3.317.215	5.280.486	655.884	953.803	19,8%	18,3%
Rio de Janeiro	2.052.487	2.922.823	20.732	71.960	1,0%	2,5%
RMRJ SEM Rio de Janeiro	1.264.728	2.357.663	635.152	881.843	50,2%	38,6%

Fonte: elaboração própria, a partir de dados do Censo Demográfico.

Indaga-se, se o fluxo de origem relativo ao total de ocupados dos municípios se reduziu, considerando que aumentou o valor absoluto dos fluxos, o que pode ter ocorrido?

Observou-se o crescimento do número de população ocupada total nos municípios. Na maioria deles, o aumento da ocupação foi superior ao aumento do fluxo pendular. Pesquisadores do Ipea (Delgado *et al.*, 2016) apontam as alterações no mercado de trabalho, ocasionadas pelo desempenho da economia brasileira, especialmente na década de 2000. No ano de 2010, em especial, o PIB nacional variou 7,5%, devido à dinamização do mercado interno. Quando a economia melhora, a população em idade ativa tende a voltar a participar da economia e procurar trabalho, influenciando na população economicamente ativa (PEA)⁵. A melhoria do nível de ocupação estimulou as economias municipais e absorver a sua mão de obra local.

Portanto, não obstante o aumento absoluto da mobilidade pendular dos municípios da RMRJ, houve maior geração de ocupações na periferia metropolitana – Baixada e Leste – que pode decorrer tanto da maior dinamização das atividades econômicas da periferia; quanto do efeito demográfico, tendo em vista que o aumento populacional por si só exerce pressão pelo aumento daquelas atividades econômicas essenciais.

Os municípios que aparecem como os maiores emissores de fluxo pendular são Nova Iguaçu, São Gonçalo, Duque de Caxias e São João de Meriti, que representam o contraste entre o fluxo de origem da periferia metropolitana, que reúnem os municípios da Baixada e do Leste metropolitano, em relação ao fluxo oriundo da capital.

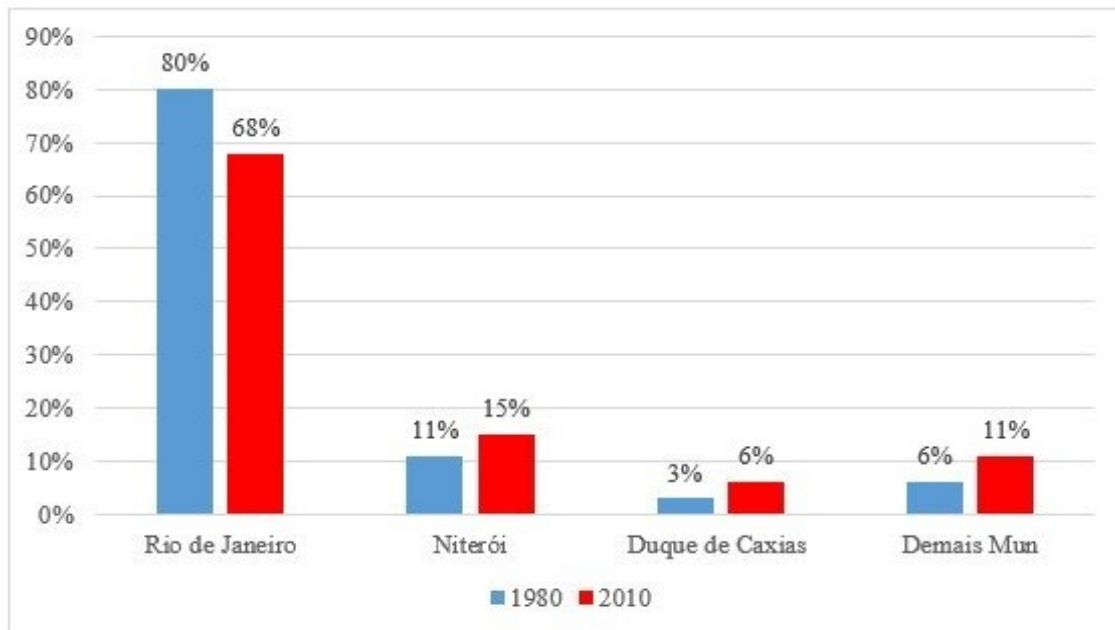
Em termos de municípios receptores, o Rio de Janeiro exerce papel primordial na dinâmica dos fluxos pendulares. Houve aumento de 42,4% do número absoluto de pessoas ocupadas no município do Rio de Janeiro, entre 1980 e 2010, o que permitiu que esse município tivesse participação de 55,4% do total de ocupações da RMRJ em 2010. Assim, o crescimento da população que ocorreu na periferia não aconteceu em detrimento do município do Rio de Janeiro, que mantém sua centralidade no mercado de trabalho.

Os fluxos pendulares mais volumosos (acima de 10 mil) por setor/município, além do Rio de Janeiro, também foram direcionados para os seguintes municípios: a) Niterói, na indústria de transformação e nos serviços (produtivos, distributivos, pessoais e sociais); b) Duque de Caxias, nos serviços distributivos e serviços sociais. Niterói e Duque de Caxias se afirmam como centralidades econômicas regionais.

⁵ Ibid, p.231.

Infere-se aqui que o crescimento dos níveis de ocupação, se por um lado, ampliou os deslocamentos pendulares, por outro, possibilitou às economias municipais absorver, em alguma medida, a sua mão de obra no mercado de trabalho local, por vezes atraindo trabalhadores regionais. O gráfico 1 abaixo ilustra esta alteração de um censo para o outro.

Gráfico 1- Principais municípios de destino dos fluxos pendulares na RMRJ



Fonte: Elaboração própria a partir do Censo Demográfico (1980 e 2010).

Lago (2007) argumenta que as dificuldades dos deslocamentos, do tempo do trajeto e as condições dos transportes, além do alto custo, formam barreiras à mobilidade. As principais vias de acesso, Avenida Brasil, Linha Vermelha, Linha Amarela ou Ponte Rio-Niterói, enfrentam longos congestionamentos, obrigando o trabalhador a viajar em condições desconfortáveis, e arcar com o alto custo das tarifas e combustíveis. Sendo assim, parte das pessoas acabam buscando as oportunidades de trabalho existentes em seus municípios, ainda que recebam menores rendimentos.

Duque de Caxias é o município em que o percentual de mobilidade pendular mais decaiu, de 50% em 1980 para 32% em 2010. São Gonçalo reduziu de 52% para 38%. O Programa Minha Casa Minha Vida inaugurou o novo ciclo de valorização imobiliária na segunda metade dos anos 2000, quando ocorreu a expansão imobiliária por um segmento capitalista. Destaca-se a chegada de novos empreendimentos imobiliários nas cidades da periferia, que inclui os shopping centers – só para citar dois, São Gonçalo Shopping (2004) e Caxias Shopping Center (2008). O financiamento público teve papel central, observando o movimento de expansão da produção imobiliária capitalista para essas

ARTIGO | Mobilidade Pendular e Transformações Econômicas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro

áreas, fomentado pelos programas federais, já que até então, predominavam as formas não capitalistas de produção de moradia (Lago; Cardoso, 2015).

A tabela 2 detalha a variação da mobilidade pendular para a RMRJ.

Tabela 2 - Total de ocupados e ocupados que trabalham em outro município

Mun. residência	Total de Ocupados		Outro Mun.		%Outro/Total	
RMRJ	1980	2010	1980	2010	1980	2010
Rio de Janeiro	2.052.487	2.922.823	20.732	71.960	1,0%	2,5%
Baixada Fluminense						
Nilópolis	53.429	66.047	35.210	34.412	65,9%	52,1%
São João de Meriti	141.490	198.798	95.592	97.259	67,6%	48,9%
Antiga Nova Iguaçu	365.213	606.036	205.432	282.212	56,2%	41,7%
Mesquita	-	71.361	-	42.862	-	60,1%
Japeri	-	34.548	-	19.365	-	56,1%
Belford Roxo	-	191.861	-	101.000	-	52,6%
Queimados	-	54.401	-	28.433	-	52,3%
Nova Iguaçu	-	325.226	-	126.855	-	39,0%
Duque de Caxias	200.211	358.494	100.193	112.835	50,0%	31,5%
Antiga Magé	51.781	113.220	18.345	35.636	35,4%	31,5%
Magé	-	91.206	-	31.377	-	34,4%
Guapimirim	-	22.014	-	6.403	-	29,1%
Antiga Itaguaí	31.574	78.770	7.935	17.867	25,1%	22,7%
Itaguaí	-	45.738	-	9.650	-	21,1%
Seropédica	-	33.032	-	10.354	-	31,3%
Paracambi	8.039	17.637	2.187	4.048	27,2%	23,0%
Leste Metropolitano						
Niterói	156.411	235.376	47.988	69.017	30,7%	29,3%
São Gonçalo	209.944	447.446	108.336	171.597	51,6%	38,4%
Maricá	11.340	56.687	2.103	16.778	18,5%	29,6%
Antiga Itaboraí	35.296	107.791	11.831	40.182	33,5%	37,3%
Itaboraí	-	95.353	-	36.978	-	38,8%
Tanguá	-	12.438	-	4.888	-	39,3%
SEM Rio de Janeiro1	1.264.728	2.357.663	635.152	924.121	50,2%	39,2%
SEM Rio de Janeiro2	1.264.728	2.357.663	635.152	881.843	50,2%	38,6%
TOTAL RMRJ1	3.317.215	5.280.486	655.884	996.081	19,8%	18,9%
TOTAL RMRJ2	3.317.215	5.280.486	655.884	953.803	19,8%	18,3%

Fonte: Microdados Censo Demográfico 1980; 2010. Obs: RMRJ1: inclui dados dos municípios emancipados para o ano de 2010. RMRJ2 considera os territórios municipais antigos em 1980 e 2010.

Para compreender como as transformações econômicas se relacionam com a mobilidade pendular na RMRJ, observam-se as ocupações nos setores de atividades. Dos dados do Censo de 1980 para o Censo de 2010, configurou-se um processo de desindustrialização, especialmente pela redução da atividade industrial e postos de trabalho na capital fluminense. Nota-se o peso do município do Rio de Janeiro neste resultado – cerca de 172 mil ocupados a menos neste município, influenciando sobremaneira o resultado negativo para a região (Martinho, 2023, p.233).

Em contrapartida, os setores de serviços tornaram-se, em conjunto, responsáveis por três quartos dos fluxos pendulares. Todos os segmentos dos serviços ampliaram seu volume absoluto de trabalhadores pendulares, conforme a tabela 2 a seguir.

Tabela 3 - Variação da mobilidade pendular por setor na região metropolitana do RJ

Setores de Atividade	Variação	% MOB/OCUP	% MOB/OCUP
Econômica	Absoluta*	1980	2010
Ind transformação	- 58 mil	22,1%	8,9%
Construção + SIUP	+ 2 mil	13,6%	9,6%
Ind extrativa mineral	+ 6 mil	0,2%	0,8%
Saldo Industria	- 50 mil	35,9%	19,3%
Serviços produtivos	+ 92 mil	8,2%	15,6%
Serviços sociais	+ 90 mil	14,9%	19,9%
Serviços distributivos	+ 70 mil	21,0%	21,9%
Serviços pessoais	+ 35 mil	19,1%	16,8%
Saldo Serviços	285 mil	63,2%	74,2%
Setor Primário	+ 400	0,3%	0,2%
Outras atividades	+ 55 mil	0,4%	6,2%

Fonte: elaboração própria, a partir de dados do Censo demográfico/IBGE.

É marcante a queda na indústria de transformação, tanto em pontos percentuais quanto em números absolutos, no total dos ocupados e nos fluxos pendulares⁶. Dos ocupados que faziam deslocamento pendular em 1980, a maior porcentagem estava no setor da indústria de transformação, com 22,1%. Porém, em 2010 esta condição se alterou para quinta posição com a porcentagem se reduzindo a 8,9%. Observou-se a queda absoluta (-58 mil fluxos pendulares), como em nenhum outro setor.

Continuando nos setores industriais, no setor da construção, os deslocamentos pendulares registraram estabilidade dos números absolutos, mas decréscimo relativo. Seus resultados estão atrelados à expansão urbana, obras de infraestrutura, de construções de moradias e outros empreendimentos. Enquanto o Censo de 1980 refletia o momento histórico de consolidação institucional da metrópole fluminense, as décadas seguintes sinalizaram expansão dos municípios periféricos. Os serviços industriais de utilidade não foram marcados por grandes alterações absolutas ou percentuais, apresentando pouco

⁶ Para consultar os dados de ocupados totais por município da RMRJ e por setor econômico, em 1980 e 2010, consultar Martinho (2023).

mais de 1,0% de participação ocupacional e dos fluxos pendulares, tanto em 1980 quanto em 2010. O setor respondeu também às dinâmicas de expansão urbana, inclusive das administrações municipais.

A Indústria extrativa apresenta baixa participação nas ocupações, o que corresponde a localização espacial desta atividade. Também demonstra o caráter tecnológico intensivo em capital do setor. Assim, pode-se dizer o balanço final da indústria: a grande queda da indústria da transformação foi decisiva no resultado final do setor industrial. O reflexo foi de aproximadamente 58 mil pessoas a menos na mobilidade pendular do setor, com redução de 22,1% para 8,9% da participação da RMRJ⁷. Confirma-se a perda industrial na região.

Em contrapartida à perda industrial, ampliaram-se os fluxos pendulares de trabalhadores nos setores de serviços, tornando-se responsáveis por três quartos das ocupações totais, e, também dos fluxos pendulares. Em termos absolutos, destaca-se o aumento no número de trabalhadores pendulares, nos serviços produtivos (mais 92 mil), serviços sociais (mais 90 mil) e serviços distributivos (mais 70 mil) aproximadamente.

Nos serviços produtivos, o aumento absoluto dos fluxos pendulares no setor se traduziu no aumento da sua participação percentual nos fluxos pendulares, de forma mais significativa do que nos demais serviços. Caracteriza-se o baixo fluxo de origem, próximo de zero, do município do Rio de Janeiro. O fluxo é muito concentrado no destino em direção a este mesmo município⁸. Estes resultados correspondem ao desenvolvimento da economia terciária nas metrópoles e seu papel na divisão do trabalho no sistema econômico e na rede de cidades. Trata-se de atividades relacionadas às áreas financeira, imobiliária, científica, de informação, entre outras.

Um quarto dos ocupados da região metropolitana fluminense trabalha no setor de serviços distributivos, característica que se consolidou de 1980 para 2010. Para os fluxos pendulares, houve um importante aumento absoluto que se traduziu no crescimento percentual, de forma incremental, mas que garantiu a dianteira do setor nos deslocamentos pendulares na RMRJ. Neste setor se encontram as atividades das etapas de comercialização, que estruturalmente são empregadoras de mão de obra, além de terem adquirido centralidade no sistema econômico. Seus fluxos pendulares de destino se desconcentraram da capital. Cabe ressaltar, que importantes mudanças se apresentaram,

⁷ Dados retirados de Martinho (2023).

⁸ Categorias dos serviços definidas conforme especificações na seção 3 **Materiais e Métodos**.

referentes à reconfiguração do comércio, pela influência do comércio eletrônico. Atualmente é possível localizar grandes armazéns distribuidores ao longo de vias principais, interligando os municípios da região metropolitana (RM).

Nos serviços sociais, para os fluxos pendulares decorreu-se aumento absoluto e relativo. Vale notar que este setor passou da quarta posição em 1980 para a segunda posição em 2010, em termos de participação nos fluxos pendulares da RM. Esse aumento manifestou-se de forma desconcentrada no destino, considerando que o crescimento de municípios da periferia da RM e suas administrações públicas.

Os serviços pessoais aumentaram em termos absolutos, mas caíram em termos relativos. No entanto, permanece como o terceiro setor a movimentar os trabalhadores que exercem sua ocupação fora do município de residência. Isto se deve aos fluxos da periferia com direção à capital, devido à demanda dos estratos de renda mais altos e do turismo. Por último, os resultados de baixo número de deslocamentos pendulares ocorreram no setor primário, com peso pequeno na economia metropolitana fluminense.

5 CONCLUSÕES

A expansão populacional da região metropolitana em direção aos municípios da periferia, mantida a centralidade econômica na capital, elevou o quantitativo de pessoas a fazer movimento pendular, ao passo que caiu a taxa de mobilidade proporcionalmente ao total de ocupados municipais. Isso ocorreu tanto conforme a segmentação econômica, quanto na iniquidade no acesso aos serviços de consumo coletivo, entre eles o transporte, o que produz restrições no acesso ao trabalho, à educação e ao lazer.

A mobilidade compõe a estruturação do espaço urbano, em que a reprodução da força de trabalho é assegurada por meio da moradia distante e do deslocamento necessário para os trabalhadores acessarem o mercado de trabalho. Torna-se, portanto, um dos elementos viabilizadores do modelo de desenvolvimento brasileiro calcado na concentração de renda com intensa exploração do trabalho.

O deslocamento pendular na direção das atividades de circulação (comercialização, transporte, armazenamento etc.), que se fortaleceram conforme as alterações na estrutura produtiva, conforme a mudança no paradigma de acumulação de capital, para o modo de produção flexível.

Nota-se que os serviços passaram a responder em conjunto por três quartos da mobilidade pendular metropolitana em 2010, enquanto, especialmente a indústria de transformação sofreu redução. Segundo Oliveira (1979), o terciário deve ser observado nas suas relações interssetoriais, com os setores primário e secundário, pôde-se observar o “terciário como setor por excelência dos processos de circulação, distribuição e consumo das mercadorias e do próprio capital” (Oliveira, 1979, p.152).

Os dados sobre os serviços revelam aspectos socioespaciais: nos serviços distributivos e sociais, aponta-se maior “espalhamento” e descentralização dessas atividades pelos municípios. Os municípios, em alguma medida, passaram a absorver essa mão de obra, provavelmente nas atividades de comércio e do setor público. Já nos setores de serviços produtivos e pessoais, mantém-se uma certa dualidade Centro/Periferia, na medida em que o trabalho se concentra mais no município do Rio de Janeiro. Nos serviços pessoais, o fluxo no sentido periferia/centro ocorre somente nesta direção, o que sugere que as ocupações que exigem menor grau de qualificação, essas atividades são demandadas pelos grupos sociais de renda mais elevada da capital. Já os serviços produtivos, estes dotados de maior qualificação, se concentram na capital.

Coloca-se diante das pesquisas a possibilidade de mais investigações sobre como a mobilidade pendular pode contribuir para a compreensão acerca das dinâmicas econômicas e territoriais. Como políticas de mobilidade para o trabalho podem aprimorar o planejamento, de forma a melhorem a qualidade de vida e o bem-estar dos cidadãos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. **A Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IplanRio/Jorge Zahar, 1988.

DELGADO, Paulo Roberto.; DESCHAMPS, Marley Vanice.; MOURA, Rosa; CINTRA, Anael Pinheiro de Ulhôa. Mobilidade nas regiões metropolitanas brasileiras: processos migratórios e deslocamentos pendulares. *In*: BALBIM, Renato; KRAUSE, Cleandro; LINKE, Clarisse Cunha (org.). **Cidade e movimento: mobilidades e interações no desenvolvimento urbano**. Brasília: Ipea-ITDP, 2016. p. 223-245. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewiBn-b_rN-LAxX3GbkGHXnjC3wQFnoECBIQAQ&url=https%3A%2F%2Frepositorio.ipea.gov.br%2Fhandle%2F11058%2F9217&usg=AOvVaw2S2ZckgIYmhj4uek-dQYP2&opi=89978449 Acesso em: 25 fev. 2025.

FARIA, Vilmar E. Cinquenta anos de urbanização no Brasil. Tendências e Perspectivas. **Revista Novos Estudos/ Cebrap**, São Paulo, n. 29, p. 98-119, mar/1991. Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewiB5aqard-LAxXqGrkGHbG_JvsQFnoECBQQAQ&url=https%3A%2F%2Fprofessor.ufrgs.br%2Fdagnino%2Ffiles%2Ffaria_vilmar_1991_cinquenta_anos_urbanizacao_brasil.pdf&usg=AOvVaw1QkuxHL6ABC68ON1sK6c1Q&opi=89978449 Acesso em: 25 fev. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico** 1980; 2010. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewj3h6G2rd-LAxVGOrkGHRAfFbsQFnoECBIQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.ibge.gov.br%2Festatisticas%2Fsociais%2Fpopulacao%2F9662-censo-demografico-2010.html&usg=AOvVaw0-JaIoYP8UrCIEcENEMTj4&opi=89978449> Acesso em: 25 fev. 2025.

KOWARICK, Lúcio. **A Espoliação Urbana**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1979.

LAGO, Luciana Corrêa do. Trabalho, moradia e (i)mobilidade espacial na metrópole do Rio de Janeiro. **Cadernos Metrópole**, n. 18, p. 275-293, 2º. semestre, 2007b.

Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewjtsdPNrd-LAxW-ILkGHZyOJFsQFnoECBcQAQ&url=https%3A%2F%2Frevistas.pucsp.br%2Findex.php%2Fmetropole%2Farticle%2Fview%2F8738&usg=AOvVaw2huq9uvIoKErrA-LidP7z5&opi=89978449> Acesso em: 25 fev. 2025.

LAGO, Luciana Corrêa do.; CARDOSO, Adauto Lucio. Dinâmica imobiliária: as classes sociais e a habitação. In: RIBEIRO, Luiz Cesar Queiroz (org.). **Rio de Janeiro: transformações na ordem urbana**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Letra Capital; Observatório das Metrópoles, 2015. Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewiz7-verd-LAxUfK7kGHZrnIhYQFnoECBMQAQ&url=https%3A%2F%2Fobservatoriodasmetro-poles.net.br%2Farquivos%2Fbiblioteca%2Fabook_file%2Fserie_ordemurbana_rio.pdf&usg=AOvVaw2proeAd1s0fRF0gYEi-6fE&opi=89978449 Acesso em: 25 fev. 2025.

MARTINHO, Clarice Antoun. **Mobilidade Pendular dos Trabalhadores na Região Metropolitana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Tese (doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023. 272 fls. Disponível em:

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewjl19LIr9-LAxXxLrkGHV4rBAMQFnoECBgQAQ&url=https%3A%2F%2Fjournals.openedition.org%2Fespaocioeconomia%2Fpdf%2F2461&usg=AOvVaw2P0UeMS-IGF5xXKj6ZIBAp&opi=89978449> Acesso em: 25 fev. 2025.

OLIVEIRA, Francisco de. O terciário e a divisão social do trabalho. **Estudos Cebrap**, n. 24, p. 137-68, 1979.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Transformações da estrutura socioespacial: segmentação e polarização na região metropolitana do Rio de Janeiro. **Cadernos Metrôpole**. São Paulo: PUC/SP, n.1, 1999, p. 13-42. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj4_jmr9-LAXWHEbkGHS8eIDMQFnoECBIQAQ&url=https%3A%2F%2Frevistas.pucsp.br%2Fmetropole%2Farticle%2Fdownload%2F9308%2F6912%2F0&usg=AOvVaw0x1uMgtZTYrvHfeb-kzBfl&opi=89978449 Acesso em: 25 fev. 2025.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz.; RIBEIRO, Marcelo Gomes. Segregação residencial: padrões e evolução. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz (org.). **Rio de Janeiro: transformações na ordem urbana**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Letra Capital; Observatório das Metrópoles, 2015. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjxqcf5r9-LAXVYIrkGHT5FPRQQFnoECBgQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.researchgate.net%2Fprofile%2FLuiz-Cesar-De-Queiroz-Ribeiro%2Fpublication%2F294872700_Segregacao_residencial_padroes_e_evolucao%2Flinks%2F56c4a00c08ae7fd4625a314c%2FSegregacao-residencial-padroes-e-evolucao.pdf&usg=AOvVaw2HBVmuWP_Nzll4onnEYZ-l&opi=89978449 Acesso em: 25 fev. 2025.

SILVA, Érica Tavares da. **Estrutura Urbana e Mobilidade espacial nas metrópoles**. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012. 248 p. Disponível em: http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj29aRsN-LAX-G7kGHTthEFUQFnoECBUQAQ&url=http%3A%2F%2Fobjdig.ufjf.br%2F42%2Ftese_s%2F787636.pdf&usg=AOvVaw2SNvNX9KcgLrHsyvFi3FBg&opi=89978449 Acesso em: 25 fev. 2025.

SILVA, Robson Dias da. **Indústria e desenvolvimento regional no Rio de Janeiro 1990-2008**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

SIQUEIRA, Hipólita. Estrutura produtiva e divisão espacial do trabalho no Estado e na metrópole. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. (org.). **Rio de Janeiro: transformações na ordem urbana**. Rio de Janeiro: Observatório das Metrópoles/INCT, 2015a, p. 79-116. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiUrrOgsN-LAXVZL7kGHQVfGDoQFnoECBkQAQ&url=https%3A%2F%2Fobservatoriodasmetro-poles.net.br%2Farquivos%2Fbiblioteca%2Fabook_file%2Fserie_ordemurbana_rio.pdf&usg=AOvVaw2proeAdls0fRFogYEi-6fE&opi=89978449 Acesso em: 25 fev. 2025.

SOBRAL, Bruno Leonardo Barth. A evidência da estrutura produtiva oca: o Estado do Rio de Janeiro como um dos epicentros da desindustrialização nacional. In: MONTEIRO NETO, Aristides; CASTRO, César Nunes de; BRANDÃO, Carlos

Antonio (org.). **Desenvolvimento regional no Brasil**: políticas, estratégias e perspectivas. Rio de Janeiro: IPEA, 2017. p. 397-426. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwixpKqwsN-LAxWVO7kGH4dO4EQFnoECBYQAQ&url=https%3A%2F%2Frepositorio.ipea.gov.br%2Fhandle%2F11058%2F9057&usg=AOvVaw0KN_n3D9JInZuiBrFo2bLF&opi=89978449 Acesso em: 25 fev. 2025.

_____. A falácia da “inflexão econômica positiva”: algumas características da desindustrialização fluminense e do “vazio produtivo” em sua periferia metropolitana. **Revista Cadernos de Desenvolvimento Fluminense**, n. 10. Rio de Janeiro: Fundação CEPERJ. p. 9-28. mar/jun. 2016.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, bem como no que se refere ao uso de imagens.